

O POETA DA CASA DOS VIVOS: A MEMÓRIA DA LEPRA NA LITERATURA DE LINO VILLACHÁ (1933-1994)

 10.5935/2177-6644.20230014

THE POET OF THE HOUSE OF THE LIVING: THE MEMORY OF LEPROSY IN THE LITERATURE OF LINO VILLACHÁ (1933-1994)

EL POETA DE LA CASA DE LOS VIVOS: LA MEMORIA DE LA LEPRA EN LA LITERATURA DE LINO VILLACHÁ (1933-1994)

Ariadne Marinho Machado *

 <https://orcid.org/0000-0002-4878-4460>

Dejenana Keila Oliveira Campos **

 <https://orcid.org/0000-0001-6903-4776>

Thiago Rafael da Costa Santos ***

 <https://orcid.org/0000-0002-2965-8418>

Resumo: Entre os anos de 1946 e 1994, o poeta e cronista Lino Villachá foi interno em um leprosário nos arredores de Campo Grande/MS, no atual hospital-fazenda São Julião. Nesse ambiente, Villachá conviveu com as práticas de isolamento e as variadas profilaxias de combate à lepra ao longo de toda a segunda metade do século XX. Dentro do asilo-colônia, o poeta pintou quadros com sua poesia, formulando um relato testemunhal das condições de abandono e miséria daqueles acometidos pela enfermidade. Em cada palavra, um arranjo pictórico distinto, um mosaico que descreve os sofrimentos e as esperanças. Aqui tomamos como base analítica a sua obra como fator de transformação da/o “outra/o” como autora/autor da sua própria história.

Palavras-Chave: Lino Villachá. Instituição Total. História da Lepra.

Abstract: Between the years 1946 and 1994, the poet Lino Villachá was an intern in a leprosarium on the Campo Grande/MS, the current hospital-farm São Julião. In these years and inside the asylum-colony, Villachá lived with the isolation practices and various prophylaxes to fight leprosy throughout the second half of the 20th century, where he painted pictures with his poetry, formulating a testimonial account of the conditions of abandonment and misery of those afflicted by the disease. Here we take his work as an analytical basis and a factor of the transformation of the “other” as the author of his own history.

Key-words: Lino Villachá. Total Institution. History of Leprosy.

Resumen: Entre los años 1946 y 1994, el poeta y cronista Lino Villachá fue interno en una leprosería en las afueras de Campo Grande/MS, en el actual hospital-granja São Julião. En este ambiente, Villachá convivió con las prácticas de aislamiento y las diversas profilaxis para combatir la lepra a lo largo de la segunda mitad del siglo XX. Dentro del asilo-colonia, el poeta pintó cuadros con su poesía, formulando un informe testimonial de las condiciones de abandono y miseria de los afligidos por la enfermedad. En cada palabra, una disposición pictórica distinta, un mosaico que describe el sufrimiento y la esperanza. Aquí tomamos como base analítica su obra como factor de transformación del "otro" como autor de su propia historia.

Palabras-clave: Lino Villachá. Institución Total. Historia de la Lepra.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso.  <http://lattes.cnpq.br/6233905592972224> - E-mail: dinhaamm@hotmail.com.

** Doutoranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT - Campus Cuiabá).  <http://lattes.cnpq.br/8534601720203139> - E-mail: dejenana.campos@cba.ifmt.edu.br.

*** Doutorando em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT - Campus Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda).  <http://lattes.cnpq.br/2628613490626175> - E-mail: thiagocosta248@yahoo.com.br.

Introdução

Na história da cultura ocidental, um dos marcadores sociais mais estigmatizantes é sem dúvida o da doença, notadamente a lepra. A deformidade não é somente física, senão que igualmente emocional e psicológica, deixando marcas indeléveis na vida de qualquer enfermo/a. Lino Villachá, por ter sido um acometido da lepra/hanseníase, tornou-se por isso um sujeito circunscrito pela diferença, em uma época em que o isolamento compulsório – e, por extensão, a exclusão social – era o único tratamento oferecido pelo poder público.

O Boletim da Hanseníase do Ministério da Saúde do Brasil, publicado em janeiro de 2021, descreve a hanseníase como uma doença infecto-contagiosa transmissível e de caráter crônico, “que ainda persiste como problema de saúde pública no Brasil” (BRASIL, 2021). Sua etiologia anterior, “lepra”, remete ao bacilo *Mycobacterium Leprae*, que age comumente afetando os nervos periféricos, como mãos, pés, orelhas, pele e olhos. E “atinge pessoas de qualquer sexo ou faixa etária, podendo apresentar evolução lenta e progressiva e, quando não tratada, é passível de causar deformidades e incapacidades físicas, muitas vezes irreversíveis” (BRASIL, 2021). No entanto, manifesta-se com maior frequência em ambientes de salubridade precária, sem infra estrutura sanitária adequada e em pessoas com baixa alimentação ou alimentação irregular; ou seja, trata-se de um fenômeno ligado à pobreza, isto é, ao abandono do Estado.

Entre as décadas de 1930 e 1970, a política oficial do governo brasileiro para todas/os doentes da lepra era orientada por normas internacionais, o que incluía a aplicação do confinamento, normalmente em asilos-colônias específicos, construídos para tal finalidade. Por conseguinte, nos primeiros anos da década de 1940, no estado ainda unificado de Mato Grosso¹, construiu o sanatório São Julião, nos arredores rurais do município de Campo Grande, atual capital de Mato Grosso do Sul. A região de edificação do asilo foi escolhida estrategicamente, por sua grande distância com relação à Cuiabá, então capital e principal cidade mato-grossense antes do desmembramento. São Julião foi, de fato, o maior e o principal espaço, durante toda a segunda metade do século XX, na profilaxia e tratamento da lepra/hanseníase² em ambos os estados, isto é, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Desde a sua inauguração, em 1941, em meio à ditadura do Estado Novo, não apenas as/os acometidas/os pela enfermidade, mas todo aquela/e considerada/o desviante do padrão social de normalidade era segregada/o e/ou isolada/o e alocada/o nessa instituição³. O que incluía dissidentes políticos. Tal como nos hospitais psiquiátricos da época, a

¹ O estado de Mato Grosso foi dividido em 1977 e deu origem ao estado de Mato Grosso do Sul.

² Utilizaremos o termo lepra/hanseníase por se tratar do período de transição da nomenclatura.

³ Antes disso, porém, os considerados indesejáveis pela elite ansiosa por um projeto modernizador, que excluía maior

doença era apenas uma alegação que legitimava a exclusão de pessoas consideradas “indesejadas” por grupos de maior poder ou capital político.

Deste modo, a criação do asilo-colônia de São Julião apresenta-se como um modelo objetivo que nos permite discutir uma diversidade de problemáticas históricas interconectadas, quais sejam: o isolamento e/ou a segregação social enquanto prática regular de saúde adotada entre 1930 e 1980 (não somente) para as/os ditas/os leprosas/os, seguindo preceitos científicos internacionais; sua dimensão política, autoritária, de expediente higienista, vale dizer, em nome das quais muitas pessoas foram capturadas e tratadas como criminosas/os (mesmo sem ter cometido qualquer crime); e, ainda, as estratégias adotadas por aquela/es que eram enclausurados/as para a manutenção da vida em um ambiente marcado pelo abandono e pela precariedade. A doença, que manipulava e deformava a constituição física de suas/seus acometidas/os, era vista como uma qualidade negativa intrínseca, isto é, própria da sua portadora e do seu portador e, por isso, devia ser erradicada. Não a doença, mas os doentes. Punha-se em ação uma política higienista, característica dos governos e países totalitários da época, como vitrine de uma ciência avançada e de uma nação supostamente civilizada.

Neste trabalho, tentamos promover as histórias interrompidas e silenciadas de algumas/uns pacientes que experienciaram a privação e o cárcere em função da enfermidade. Baseamo-nos, sobretudo, nos escritos de Lenilde Ramos, ativista/militante e que foi trabalhadora do São Julião, os depoimentos de Irmã Silvia Vecellio, trabalhadora e atual administradora do hospital, e na literatura de Lino Villachá (1933-1994), poeta, interno e militante/ativista que então lutava, com sua poesia, para romper o estigma social que predominava – e ainda existe – na sociedade da época. De certa forma, todas/os abordam o ser e o estar no mundo, de acordo com as suas vivências, para que a/o ledora/or conjecture a propósito de suas experiências singulares. Apoiamo-nos na afirmação de Conceição Evaristo, de que “à emersão de sua voz em diferentes contextos” é também a “tradução de uma nova identidade” (EVARISTO, 2013, p. 23)⁴.

Personagens e percursos

O repertório literário e mnemônico de Ramos, Vecellio, Villachá, entre outros, confere

parte da população cuiabana e matogrossense – composta predominantemente por pessoas indígenas e negras –, eram destinados à Santa Casa de Misericórdia.

⁴ Conceição Evaristo, na obra *Beco da Memória* (2013), mostra que é impossível apagar a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil. Evaristo não aborda a questão da lepra/hanseníase, entretanto, apropriamo-nos de sua proposta, qual seja, a de retirar o negro da invisibilidade. Em nosso caso, pretendemos retirar da invisibilidade as/os acometidas/os pela lepra/hanseníase, e que foram internadas/os no antigo asilo-colônia – e hoje hospital-fazenda – São Julião.

contornos palpáveis aos personagens que viveram no antigo asilo-colônia São Julião. Por exemplo, Ramos começa sua narrativa com a sua própria exposição, definindo-se como uma menina morena de olhos grandes ou menina “quase gêmea”, com uma genealogia “cafuza”. Em suas descrições, a Irmã Sílvia é a “Freira Altona”, que depois torna-se a “freira-mãe”; Lino Villachá é o “Poeta” ou “O moço da cadeira de rodas”, que tomado pelo bacilo da doença escreveu o cotidiano de uma instituição nosocomial. Outras personalidades surgem na sucessão da leitura, e são delicadamente nomeadas com pseudônimos (RAMOS, 2011).

Já Lino Villachá, assim como outro poeta matogrossense, Manoel de Barros, viveu da poesia em seu estado mais bruto: o sentimento. Villachá carregou em sua vida o sensacional, o sentir, mesmo que com frequência as extremidades de seu corpo estivessem anestesiadas em função da ação dos bacilos de Hans. Ao longo de seus escritos revela-se suas angústias, as suas dores, os medos, as desesperanças, as esperanças. Ora, é preciso “entrar em estado de palavra” (BARROS, 1996, p. 36) para contar as existências que se atravessam no interior de um sanatório. Em 1991, diante do Papa João Paulo II, que visitava o hospital, afirmou que “Senhor: por esta mesma estrada que percorrestes para chegar ao São Julião, já passaram 4 mil doentes em 50 anos” (VILLACHÁ, 1991). Com lirismo, destaca o sofrimento de tantos. É, pois, a partir de seu lugar de fala que Lino Villachá poetiza suas memórias e de sua comunidade – como gostava de escrever – de internas/os. Ele mesmo torna-se autor e personagem em sua obra poética, reconfigurando sua identidade a partir da palavra, recusando aos “donos do saber e do poder de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e se tornem a base de sua autoridade” (BHABHA, 2006, p. 165). Djamila Ribeiro afirma que o lugar de fala é uma conceptualização de um movimento social mais geral referente a grupos sociais em disputa no interior da sociedade brasileira.

[...] falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz estamos falando de *lôcus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Em nosso trabalho, pretendemos “ouvir” a voz daquelas/es que outrora eram chamadas/os de leprosas/os, internas/ do São Julião, notadamente por meio da poesia de um de seus pacientes, a saber, Lino Villachá, o poeta.

Podemos afirmar que o asilo São Julião abrigou e/ou aprisionou inúmeras narrativas, infinitas histórias cotidianas de doentes, segregadas/os e isoladas/os do mundo externo: pela distância espacial, pelos muros altos e pelo estigma, que marcava e delimitava a ação de seus corpos. É nesse cenário que abrolham as nossas fontes documentais, ou seja, através da história oral

e a literatura de memória e/ou testemunhal. Compreendemos a literatura como uma prática discursiva por meio da qual é possível articular diferentes linguagens, a memória e a história. Deste modo, convidamos a/o leitora/or a seguir por um elo, uma linha, um novelo, o fio de Ariadne⁵, entre os caminhos labirínticos que envolvem sujeitos e narrativas. Seguir, assim, as histórias de vida das/os voluntárias/os, que construíram e reconstruíram, pedra por pedra, parede por parede, um depositário de humanos em ruínas, e promoviam estratégias de vivências e de esperança de dias melhores.

O fabuloso e doloroso mundo de Lino Villachá

Lino Villachá, poeta e cronista do São Julião, narrou com a sua “pena”, e em versos fulminantes, ora lúgubres, ora alegres, a miséria e a resiliência de seu cotidiano. Pintou quadros com sua poesia, com sua prosa, formulando um relato testemunhal; em cada palavra, um arranjo pictórico distinto, um mosaico que descreve os sofrimentos e as esperanças. Tons dramáticos, com amputações, aprisionamentos, amores, violências, desolações. Lino, como gostava de ser chamado, viveu batalhas: contra o estigma e contra a doença. Perdendo inúmeras vezes os prélios. A lepra/hanseníase minou todo seu sistema imunológico, afetou seus sentidos (tato, visão e a audição foram as principais) e órgãos vitais (fígado, rins e coração). Mas resistiu, mesmo depois de abscindir diversos membros.

Figura 01: Lino Villachá.



Fonte: Acervo do São Julião.

Apesar disso, utilizou da escrita para deixar o registro de sua morada, com muita

⁵ Ao lermos Friedrich Nietzsche “podemos inferir que o fio de Ariadne é diálogo de ensino em uma longa anotação que é dedicado à fisiologia do processo de consciência, e por conta disso desenrola o fio condutor do corpo” de acordo com Claus Zittel (2019, p. 121).

sensibilidade, demonstrando a solidariedade e as resistências nas lutas habituais das/os internas/os, independentemente das suas dores. Lino fez da sua narrativa uma zona de interdição⁶ política e de afirmação do direito de ser o sujeito enunciativo, reivindicado o valor de seu testemunho, o seu lugar de fala.

O poeta nos seus sentimentos dá vida as coisas...
Fazer poesia é pintar uma imagem
Com as cores dos nossos sentimentos...
O poeta é um pintor que usa pincel das palavras e a tinta dos sentimentos
(VILLACHÁ, 1995, p. 29).

A literatura de Lino Villachá⁷ nos faz submergir em seu cosmos, arrastando-nos para dentro de uma instituição que se pretendia total (o leprosário), domínio do indizível e do inacreditável, em que, como afirma Primo Levi, a “morte estava sempre à espreita” (LEVI, 2015, p. 35). Mostra-nos a feiura e a deformação, provocada pela doença, bem como nos apresenta a pessoas desvalidas e embrutecidas pela vida crua. No entanto, o poeta transforma sua condição limitada em liberdade através da poesia, e aí ganha o mundo.

Com efeito, os escritos de Villachá versam sobre o seu universo e cotidiano enquanto leproso, no espaço concentracionário do sanatório São Julião. De acordo com Eni Orlandi, define-se como autoria as formas como os sujeitos se colocam no mundo, ou seja, os modelos de inserção da condição de escritor no campo literário. Nessa perspectiva, o “sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer”. Logo, para Orlandi, “Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo” (ORLANDI, 1997, p. 70). A pesquisadora procurou “estender a noção de autoria para o uso corrente, enquanto função enunciativa do sujeito, distinta da de enunciativo e de locutor” (ORLANDI, 2007, p. 68).

Já para Michel Foucault, autoria refere-se ao discurso como prática. Em suas palavras,

Um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. Por outro lado, ele relaciona os textos entre si; [...] o fato de que vários textos tenham sido colocados sob um mesmo nome indica que se estabelecia entre eles uma relação de homogeneidade ou de filiação, ou de autenticidade de uns pelos outros, ou de explicação recíproca, ou de utilização concomitante (FOUCAULT, 2006 [1969], p. 274).

⁶ Compreendemos interdições, conforme Foucault (2014, p. 9): “mais que o discurso seja aparentemente pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente sua ligação [...] com o poder – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.

⁷ Podemos fazer referência aos escritos de Primo Levi que narrou os horrores de Auschwitz.

Deste modo,

[...] o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, [...] indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status (FOUCAULT, 2006 [1969], p. 274).

Conforme Foucault, o autor fundamenta uma expectativa com relação ao conteúdo de sua obra e com relação ao que se escreve, ou seja, consolida uma identidade. Para o filósofo, a “função autor é [...] característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2006 [1969], p. 274).

Roger Chartier identifica na conceitualização da “função autor” uma poderosa contribuição de Foucault para as análises em história da leitura e das ideias. De acordo com a perspectiva foucaultiana, avalia Chartier, a obra forja seu autor; isto é, proporciona singularidade. O autor, assim, também é uma representação: pois, formulada e difundida tanto pelo próprio escritor – a pessoa física – como pela obra publicada e, de igual modo, pelas/os leitoras/res: forma parte de um sistema. O discurso vincula-se, portanto, não apenas ao enunciador particular, vale dizer, ao indivíduo, senão que se desdobra, por extensão, por uma dada comunidade, atravessa seus valores sensíveis, partilhados, impregna sua perspectiva de mundo: é a materialidade dos enunciados e a luta travada na e pela constituição de sujeitos – sujeitos de determinadas verdades ou discursos. Para Chartier, “nesse sentido, o ‘autor’ não é apenas uma função que desloca e transforma uma personalidade de um indivíduo que escreve; é também uma ficção que proporciona realidade à uma ausência” (CHARTIER, 2012, p. 40).

Os escritos de Lino Villachá – o poeta do São Julião – podem ser interpretados como obra de autoria ao apresentar uma discursividade que se faz presente no interior do nosocômio. Poetizada, suas memórias transformam-se também em evidência histórica. E, historicizada, nos auxilia a pensar a realidade que demarcava a vivência intramuros.

Seu primeiro livro, intitulado *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá*, publicado provavelmente do final da década de 1970, e patrocinado pela então Fundação Cultural de Mato Grosso⁸, consistia em uma compilação de diversos poemas do autor. Em alguns de seus trabalhos,

⁸ A apresentação da obra, assinada por Antônio Lopes Lins, menciona a “[...] Irmã Sílvia (autora da versão em italiano de uma poesia deste livro), a Inah (que morreu sem ver esta edição) e a criaturas compassivas e abertas, como o Coronel Fernando Silveira Frias, Comandante da Base Aérea desta Capital, o coronel Adone Colaço Sottovia, do Lion’s Clube Sul de Campo Grande e o dr. Eduardo Machado Metello. Eles serão, juntamente com a Fundação Cultural de Mato Grosso, os patrocinadores desta edição, cujos resultados reverterão para o autor e o Sanatório São Julião” (VILLACHÁ, s/d, p. 10). A menção de tantos nomes e instituições, demonstra que Villachá recebia apoio institucional para sua obra poética.

deixou registrado uma data – quiçá o momento que sentia que o poema estava “pronto”, terminado. No entanto, a maioria não recebe indicação de data de feitura. O universo temático, claro, era o seu cotidiano no interior do São Julião, com as/os internas/os como personagens. O poema de abertura, nomeado “Quem sou eu?”, é uma longa nota existencial, com a data de 14 de junho de 1976. Contém 54 versos e 8 estrofes. Na busca por autoconhecimento, acompanhamos a descrição lírica do episódio de sua internação: “um menino que aos doze anos ficou doente e foi internado em um leprosário em estado avançado” (VILLACHÁ, s/d, p. 12). Também menciona a existência de outras crianças e adolescentes que viviam na instituição, e que “foi até uma felicidade poder brincar com outros meninos caçando, pescando, brincando de Tarzan no córrego Botas”, que passa pelas terras do hospital. Ao final do poema, já com vinte e cinco anos de vida e com 13 anos passados no São Julião, destaca as sequelas dos tratamentos ineficazes: por “sucessivas cirurgias, perdera os pés: as mãos se paralisaram, pernas amputadas... A impossibilidade de usar pernas mecânica lhe trouxe uma cadeira de rodas” (VILLACHÁ, s/d, p. 12).

Lenilde Ramos (2011), em seu livro de memórias, fornece uma análise biográfica dos filhos de um “espanhol” com uma “moça russa”, que também poderia ser o fragmento do percurso de vida de Lino Villachá, já que o poeta apresentava ascendência estrangeira. No trecho de Ramos,

O espanhol e a moça russa tiveram cinco filhos e uma menina. A tragédia é que o moço espanhol começou a apresentar uma doença terrível, que destruía o corpo da pessoa, o mal famigerado que ninguém queria ter na vida: a lepra. Ele e um irmão. A desgraça se abatia sobre a casa deles. A moça russa também passou a apresentar os mesmos sintomas, as manchas e caroços. Também estava leprosa. E pior que mais da metade dos filhos deles também: três meninos. Tentaram esconder até onde deu, mas um dia foram denunciados à saúde pública. E como acontecia naquela época, os leprosos descobertos eram apartados da família e confinados em colônia que ficavam fora da cidade (RAMOS, 2011, p. 43).

Lino narra a sua vida da seguinte maneira:

Nasci numa chácara que pertencia a meus pais, na Colônia Velha, município de Terenos-MT, à beira do Riacho Piraputanga, de águas claras entre pedras. Meu pai José Maria Antônio Villachá, era argentino, filho de espanhóis. Villachá é uma palavra originária da cidade de Lugo, capital da Galícia, onde havia uma localidade chamada “Villa Chã”, daí o meu sobrenome. Minha mãe, Anna Eudochac, era russa, nascida na Bessarávia, região próxima à Romênia. Como se vê, ambos pertenciam a famílias de imigrantes que, em busca de uma melhor sorte, vieram ter em terras da América. Éramos seis irmãos, cinco homens e uma mulher, um dos quais já tinha falecido. Sou o mais velho. Antes de surgir a doença, morávamos no bairro São Francisco, em Campo Grande, num casebre de tábuas à beira da linha, bem próximo ao pontilhão do trem, sobre o Córrego Segredo. Como não havia cama para todos, dormiam de dois em dois em cada cama. Uma vida de extrema pobreza minava as defesas naturais do nosso organismo. De cada cama, um irmão tornou-se portador de Hanseníase, além de meu pai e minha mãe (VILLACHÁ, 1986, p. 115).

Lenilde Ramos utiliza o primeiro verso do “Poemas de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, para descrever Lino Villachá como “um anjo torto”, que elaborava sofisticados quadros poéticos, composições de palavras, afetando a/o leitor/ra. Segundo Ramos (2011) e as fontes

consultadas⁹, a mãe de Lino Villachá, Anna Eudochac, era muito mais jovem que o pai de Lino. O poeta era o primeiro filho de ambos, nascido no dia 15 de agosto de 1933. Após o nascimento do primogênito, o casal mudou-se da Colônia Velha, em Terenos (atual Mato Grosso do Sul), para uma região periférica de Campo Grande, onde tiveram mais cinco filhos, um nasceu natimorto. Meses antes do aniversário de 12 anos de Lino Villachá, iniciou-se o infortúnio terrível das chagas ocasionadas pela enfermidade, transformando sua jovem vida para sempre.

De acordo com João Fernandes Damasceno, o “João, Sapateiro”¹⁰ – que na infância conviveu com o poeta – a partir da constatação da doença, toda a vida da família foi alterada. E as questões antes tão corriqueiras e aparentemente de menor complexidade, como um passeio ou brincadeiras pelas ruas, as idas e voltas da escola ou da catequese no bairro de São Francisco, tornaram-se problemáticas.

Lino Villachá, eu conheci [...] bem novo; antes dele vir para cá. A gente estudava junto lá no colégio 26 [...] eu conheci o pai dele, mãe e irmãos, tudo. Eles moravam perto da paróquia São Francisco; naquele tempo não tinha a paróquia São Francisco, né? Descíamos lá para baixo, onde moravam ele, o pai, a mãe e os irmãos. Brincávamos e estudávamos juntos. Ainda hoje lembro da professora fazendo a chamada: ‘Damascena’, PRESENTE. ‘Villachá’, PRESENTE! Logo depois, ele ficou doente e veio para cá. Tinha mais ou menos 11 ou 12 anos quando veio para cá. Vieram juntos pai, mãe, ele e os irmãos. Eles moravam lá embaixo na 36, né? (ENTREVISTA de Dasmaceno em janeiro de 2020).

Conforme a viúva de Lino, Zena Maria Villachá, o poeta e sua família – pai, mãe e dois irmãos – foram internados em agosto de 1958. Iniciava-se então a *via crucis* da família Villachá, com a imposição de um conjunto de experiências dolorosas no sanatório São Julião. Nelly Barbosa Macedo (1997) afirma que em 1966 faleceu o patriarca, José Maria Antônio Villachá, no São Julião, lugar em que foi sepultado também. Assim a família Villachá, que já tinha sido repartida, teve sua primeira grande perda. Enquanto isso, a saúde do filho caçula depauperava dentro da instituição e em agosto de 1974 Antônio Villachá falece.

No poema, *É agosto outra vez...*, sem data, Lino Villachá escreve sobre sua mãe, um tema não muito comum em sua literatura, expondo a angústia com o aprisionamento e a distância dos dois outros irmãos, que não foram encarcerados. Podemos aludir que o mês de agosto estava repleto de simbolismos negativos para Anna Eudochac, pois, foi em agosto de 1957 que foram enviados para a instituição profilática – repartindo a família – e, dezenove anos depois, perde seu filho caçula.

Minha mãe, coitada,
Tão doente e triste,

⁹ Entrevistas realizadas em janeiro de 2020 com a Irmã Silvia e Zena Maria Villachá, viúva do poeta.

¹⁰ Entrevista concedida em janeiro de 2020.

Perguntou-me um dia, com amargura:
- Que de importante existe
E ainda resta para nós, meu filho?
[...]
E me perguntei, também,
Por que o azul da amplidão me traz
A sensação atroz do meu sofrimento
(VILLACHÁ, s/d, p. 37).

A família Villachá, assim como outras famílias e/ou pessoas, não cometeu qualquer delito ou crime, mas foi condenada, em diversas instâncias: jurídica, policial, sanitária, social e psicologicamente. Esse sentimento de condenação foi pormenorizado no poema *A Luz que se acendeu*, de janeiro de 1976. Com 34 versos e 6 estrofes, Lino extravasa a discriminação, externalizando o preconceito dirigido aos doentes da lepra e, claro, a si também.

Senhor:
Ninguém me aceita,
todas as hospedarias
estão fechadas para mim.
Todas as portas se fecham
ante a minha presença...

Sou leproso.
Meu coração é uma choupana,
uma choupana em ruínas
- a ruína que eu estou.

Dores e sofrimentos
minha vida só me tem dado.
Me arrasto no chão,
porque não posso andar.
Desde que adoeci
vivo morrendo.
Já quase não tenho mais
o que morrer...
(VILLACHÁ, s/d, p. 17).

Nesse poema, o autor descreve o processo de decomposição do corpo acometido pela doença, bem como a estigmatização arraigada na sociedade à época – e que perdura ainda hoje –, fazendo uma denúncia. Pouco se conhecia cientificamente sobre a doença, não havia tratamento adequado. Existia apenas a “ruína” do corpo, a tristeza e a resignação da/o doente; o medo, o confinamento, a exclusão, o estigma. Todo leprosário era reconhecido como uma antecâmara da morte (MARINHO, 2013). Uma característica vinculada às instituições totais, como as prisões e os manicômios. Lino Villachá e sua família foi forçada a abandonar a vida social; sua mãe Anna Eudochac, deixou para trás dois filhos, Luiz e Aurora, então tutelados pelo preventório “Getúlio Vargas”, de acordo com a viúva Zena Maria Villachá.

O aprisionamento, o abandono e o distanciamento familiar experienciados pelas/os

internas/os foram sentidas e mantidas por um Estado que privilegiou políticas públicas análogas aos da instauração de campos de concentração. É nesse sentido que se estabelece a conexão de uma instituição total com o Estado de Exceção, que promove uma “bio-necropolítica”¹¹, termo cunhado pela pesquisadora Fátima Lima (2018). Nesse terreno conceitual, o acoplamento da “biopolítica” com a “necropolítica” nos permite analisar as relações e os poderes imbricados pelas políticas públicas de “vida e morte” dirigidas à determinados segmentos e que historicamente não privilegiou as/os leprosas/os.

No mesmo ano em que Villachá assinou seu poema *A Luz que se acendeu*, descrevendo a dissolução física e emocional de uma/um leprosa/o, pouco mais de dois mil quilômetros de distância de São Julião, na Universidade Federal da Bahia, o filósofo francês Michel Foucault proferia uma palestra em que destacava os conceitos de “redes de poder” e “biopolíticas”, explicando os mecanismos pelos quais o Estado selecionava o corpo “deixado para morrer”, enquanto a parte da sociedade considerada de sadios era escolhida para “fazer viver”. Na comunicação baiana de 1976, Foucault assinala que:

A descoberta da população é, ao mesmo tempo, a descoberta do indivíduo e do corpo treinável, creio, outro grande núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do Ocidente foram transformados. Foi nesta altura que, em oposição à anatomo-política que acabo de mencionar, aquilo a que chamarei bio-política foi inventado. É neste momento que vemos o aparecimento de coisas, problemas tais como habitat, condições de vida numa cidade, higiene pública, ou a modificação da relação entre as taxas de natalidade e mortalidade (FOUCAULT, 2014, p. 59)¹².

A análise conjunta do texto de Foucault e da poesia de Lino Villachá suscita reflexões. Mesmo que o intelectual francês não tenha se referido especificamente ao trato dispensado as/aos doentes da lepra, é possível formular uma epistêmica das relações de poder que as/os internas/os sofreram no leprosário São Julião. A narrativa de Lino provoca um deslocamento nas percepções das/os leitoras/es, e nos permite construir uma ponderação sobre o cotidiano nosocomial e a prática discursiva de saberes-poderes exercida pela medicina de valores ocidentais que atravessa a sociedade/população, fundamentando políticas públicas baseadas na exclusão e preconceitos. De acordo com Achille Mbembe, existe uma maneira de praticar o direito de matar: “Se imaginarmos a

¹¹ As políticas públicas austeras que visavam preservar o corpo social e/ou a comunidade dos sadios em seu direito à vida – *Bios* – contra uma possível contaminação, destinando ao doente um tratamento que era, na realidade, um tipo de morte – *Necro* –. Era e ainda é, de fato, uma política de extermínio de determinados sujeitos, configurando assim uma bio-necropolítica (LIMA, 2018).

¹² Em espanhol, na versão consultada: “El descubrimiento de la población es al mismo tiempo el descubrimiento del individuo y del cuerpo adiestrable, creo yo, otro grán núcleo tecnológico en torno al cual los procedimientos políticos del occidente se transformaron. Se inventó en ese momento en oposición a la anátomo-político que recién mencione, lo que llamaré bio-política. Es en ese momento que vemos aparecer cosas, problemas como el del habitat, el de la condiciones de vida en una ciudad, el de la higiene pública, o la modicación de las relaciones entre la natalidade y la mortalidade” (FOUCAULT, 2014, p. 59).

política como uma forma, devemos interrogar-nos: qual é o lugar reservado à vida, à morte e ao corpo humano (em particular o corpo ferido ou assassinado)?" (MBEMBE, 2017, p. 108).

Em meio à miséria, física e emocional, o poeta subverte as feiuras, as tristezas e o clausuro. Empregando-os em cada verso, transformados em elegância e vida, como figuras extraordinárias. Em sua obra, destacam-se personagens viventes e personagens lembrados, que viveram e sobreviveram ao cotidiano de cárcere do São Julião.

Lino e Maria

Por meio do estudo dos vestígios – o paradigma indiciário de Ginzburg –, neste fragmento analítico tentaremos buscar as informações referentes ao casal Maria e Lino (Figura 2), no esforço de responder às perguntas de “como se conheceram?” e “quando ou como foi mudança para o sanatório São Julião?”. Abordaremos também o luto na poesia e nos escritos de Lino Villachá.

Figura 02: Maria e Lino (única foto encontrada do casal. No centro da imagem, Maria sustenta na mão um pássaro pousado, como uma mancha escura, quase indiscernível).



Fonte: Caniato, s/d, p. 31.

A personagem Maria é-nos apresentada como uma misteriosa mulher. Nasceu no interior do estado de São Paulo, no município de São Joaquim da Barra, em 20 de dezembro de 1929 (VILLACHÁ, 2005, p. 105). Devido à escassez documental, conhecemo-la um pouco mais somente a partir da descrição de seu companheiro, Lino, composta como uma homenagem após a morte de Maria, em 1975. Lino a traduz como a “canção do meu caminho”, em versos de beleza, íntimos, em que enlaça o amor, a morte e o luto.

Sabe-se que na literatura certos elementos ressoam e impulsionam a escrita, como a dor e o desespero diante dos infortúnios de um amor perdido. Em um dos primeiros versos que escreveu para a mulher amada, o poeta Villachá descreve as dificuldades de despedir-se.

Era Maria
Eu era triste. Vivia de olhos no chão.
No céu uma estrela se apagara.
E nos olhos de alguém uma luz nascia.
Devagarinho o dia amanhecera. Era Maria.
E viera a manhã e vieram tempestades.
Fez-se pleno o dia.
Ora sol abrasador, ora céu nublado,
Mas sempre dia.
Nem me apercebi de que a tarde chegara.
E aquele dia lindo foi se refugiar nas estrelas.
Agora meus olhos buscam no céu a fonte dessa luz
que ficou retida no olhar.
E, de vez em quando, recebo no crepúsculo
um cartão postal cor-de-rosa...
(VILLACHÁ, 2009, p. 39).

Já no poema *Louvando o amor* (sem data), com 38 versos, Lino ovaciona o seu primeiro amor, Maria, em trechos de grande lirismo e paixão. Ambos eram bastante católicos, mas nunca firmaram matrimônio na Igreja ou no Registro Civil. Em consonância com Lenilde Ramos (2011) e entrevista com a Irmã Sílvia, concedida a pesquisadora em 2020, Maria ainda era casada quando conheceu Lino. A mulher havia sido internada à força pelo primeiro marido em 1966, oito meses antes de conhecer o futuro poeta. O encontro entre Lino e Maria deu-se quando Lino Villachá foi se tratar no Asilo-Colônia Dr. Francisco Ribeiro Arantes, conhecido como o leprosário de Pirapitingui, na cidade de Itu, no estado de São Paulo. Tanto o asilo-colônia de Itu quanto o de Campo Grande chegaram, cada um, a abrigar até 4 mil pacientes. O Hospital colônia Dr. Francisco Ribeiro Arantes foi inaugurado em 1937 e Lino viveu lá entre os anos de 1967 a 1969. Foi nesta instituição que o poeta teve as amputações mais severas, retirando partes da perna esquerda até altura do fêmur e a da direita até altura do joelho. Ainda convalescente, pela doença e pelas recorrentes cirurgias, enamorou-se de Maria, que também era interna na enfermaria e sofria igualmente com a ablação de suas pernas. Ele tinha 23 anos passados e ela acabava de completar 31 (VILLACHÁ, 2005, p. 105).

Nas palavras de Lino,

Nós nos conhecemos numa enfermaria. Ali, eu e ela lutávamos para não perdemos nossas pernas, numa amputação. A gente se encontrou naqueles dias difíceis e, embora, eu tivesse outras namoradas, acabei por sentir que só a ela verdadeiramente amava. Como era difícil nos falar, lançamos mãos de cartas. Foi assim que descobri a poesia, aprendendo que o amor vence as misérias e sobrevive às infelicidades.
Meus primeiros versos estão nas cartas que lhe escrevia, entre 1967 e 1969, que ainda conservo comigo. São apenas rudimentos. Nós nos encontramos no pior trecho de nossas vidas e, ao nos conhecermos, estávamos deixando de andar com as pernas para começarmos a voar com as asas da alma, num voo do coração (VILLACHÁ, 1986, p. 118).

De acordo com os relatos de Lenilde Ramos (2011) e os comentários da irmã Sílvia (2020), Maria teve um degresso compulsório e violento. Esse episódio a deprimiu e fragilizou, arruinando

sua saúde física e emocional. Em entrevista com a viúva de Lino Villachá, a sua segunda esposa, Zena Maria Villachá nos conta que o poeta, que sempre foi muito reservado com relação à Maria (sua primeira esposa), comentava somente “que amou muito o seu jeito silencioso, elegante e triste de ser” (ENTREVISTA concedida à pesquisadora em janeiro de 2020). Ambos, Lino e Maria, selaram um compromisso de cuidado e de devoção recíprocos. Em 1969 o casal consegue a transferência do Asilo-Colônia Dr. Francisco Ribeiro Arantes para o Sanatório São Julião, fazendo do leprosário campo-grandense sua morada eterna, tal como descrito nos versos da poesia de Lino: “o amor de duas rolinhas, juntinhas num fio, catando-se mutuamente. Ou o das andorinhas que não se esquecem do São Julião” (VILLACHÁ, s/d, p. 22). Conforme o poeta,

Maria só teve a mim até o fim de seus dias. Ela vinha de um casamento mal-sucedido e se encontrava no hospital, abandonada, sem filhos nem parentes. Fomos companheiros, enamorados e isto bastou para nos unir para sempre. Nossos filhos foram dois passarinhos que ‘adotamos’ [...] e a poesia que me nasceu, ao conhecê-la. Um dos passarinhos ainda vive comigo: é uma lembrança viva que tenho, que criava soltos nos ombros, nas mãos, conversando com eles (VILLACHÁ, 1986, p. 118).

É interessante notar que para Lino a poesia assume sentido ao conhecer Maria, ou seja, com o amor, ao apaixonar-se “verdadeiramente”. Também chama a atenção a revelação de que o poeta mantinha vários relacionamentos, com “várias namoradas” (VILLACHÁ, 1986, p. 118). O que demonstra que havia no internado estratégias tecidas para a sobrevivência entre as/os enfermas/os.

Em agosto de 1970, quando a literária Lenilde Ramos conhece o poeta, Lino Villachá já tinha as duas pernas amputadas. Em seu relato mnésico, a autora escreve sobre esse primeiro encontro com Lino: “numa cadeira de rodas: um rapaz bonito, sorridente e de cabelos amarelos. Quando ele a cumprimentou, a moça, instintivamente, estendeu-lhe a mão e ele, muito sem jeito, também estendeu a dele, com os dedos retorcidos e cheios de feridas” (RAMOS, 2011, p. 133). Nesse período, entre 1970 e 1975, após inúmeras reformas na instituição, Lino foi designado para ser diretor e professor na escola construída no hospital. Ficou responsável por organizar os prontuários e obituários, entre outros registros históricos das internações das/os pacientes. E tornou-se presidente do time de futebol. Assim, com tantas atividades, “começou a escrever também sobre sua infância, personagens e histórias que havia conhecido, desde que chegou à velha colônia” (RAMOS, 2011, p. 184).

No dia 22 de julho de 1975, Lino escreveu o poema intitulado *Resignação e Esperança*, com 50 versos divididos em 5 estrofes. Dilacerado pela tristeza e convalescente pela morte recente de Maria. Lenilde Ramos (2011) destaca esse momento tão obtundente para o poeta: “certa noite, o moço da cadeira de rodas pediu socorro, porque sua mulher estava passando mal. Já fazia tempo

que ela definhava, cada dia mais fraquinha e ele sabia que ela estava no fim” (RAMOS, 2011, p. 184). No poema, Villachá confessa

Que enfim, mesmo sofrendo tanto,
doou-se a mim como eu a ela me doe
e me fez ignorar a própria dor
e Te encontrar na alvorada.
E vivemos. Fomos Dois,
de mãos dadas
(VILLACHÁ, s/d, p. 24).

Sentindo o luto, em seus escritos Lino trava uma longa e dolorosa batalha contra a dor de perder sua amada.

Agora a morte me levou Maria
- e eu pedi tanto, para nós, tua piedade!
E a tiveste, tiveste
porque me fizeste ver
como ela partiu sorrindo, serenamente,
com aquela certeza de quem,
partindo, embora, para um lugar desconhecido
tem certeza que vai ser bem acolhida.

- Espera-me no céu! – pedi-lhe.
- Esperarei... balbuciei-me apenas.
Mas logo acrescentou, numa despedida:
- Estarei sempre com você no pensamento!
e suavemente se foi
(VILLACHÁ, s/d, p. 24).

O poema, elaborado em uma ocasião muito particular de sofrimento e despedida, foi difundido nos círculos de amigas/os do casal. Apresenta um tom solene e sentimental, associado à lembrança da morte, mas também do amor, que os manteria unidos mesmo depois da partida. Como se o poeta dissesse à amada que seu corpo, em avançado processo de decomposição, viveria nele e em sua poesia para sempre. Após a morte de Maria, Lino se assume poeta. Faz da poesia um expurgo, um antídoto para a dor: após perder a mulher, meses depois sua mãe, Anna Eudochac, também falece. Conforme Lino, “quando mamãe morreu, senti como se uma fonte se estagnasse e só restasse a água dos olhos meus” (VILLACHÁ, 2005, p. 209). Anna Eudochac e Maria morreram em decesso compulsório e desde então jazem na eternidade intramuros do São Julião.

De acordo com Lenilde Ramos, o primeiro livro de Lino – o já mencionado, *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá* – ganhou destaque fora dos muros do asilo-colônia. De acordo com Ramos,

O moço da cadeira de rodas também teve seus momentos de aplauso na cidade da terra vermelha. Na verdade, foi ele quem puxou a fila para que outros hansenianos mostrassem que não eram mais leprosos, que essa não era uma condição permanente para a vida deles, que podiam reconquistar seu lugar no mundo e que aquela doença podia ser domada

(RAMOS 2011, p. 208-209).

A escrita de Lino Villachá foi, portanto, estimulada por Maria, sua primeira esposa, durante a vida e principalmente após a sua morte. Seu amor e sua despedida, conforme as palavras de Lino, serviram de estímulo para a poesia e, mais, para a busca pela e para a vida. Para o desejo de viver dentro de condições tão adversas, de confinamento e debilidade física. Nas palavras, na ordenação lírica das palavras, o poeta encontra abrigo e externaliza seus sentimentos: o amor, a dor, o luto. Enfim, a indignação. A revolta contra o cárcere e contra o preconceito. Em sua escrita, Lino se faz sentir. E demonstra toda a vida e o desejo de vida que existe intramuros.

A moça e o poeta: Zena e Lino

Antes de tentamos remontar os fragmentos de vivências, as narrativas de experiências entre essas duas *personas*, a saber, Lino Villachá e Zena Maria Villachá, torna-se importante uma discussão sobre os sentimentos de luto e de melancolia, tal como abordados pelo médico vienense, pai da psicanálise, Sigmund Freud.

Publicado por Freud em 1917, *Luto e Melancolia* caracteriza as duas emoções de maneiras diferentes, que descreveremos aqui sucintamente. O luto, para Freud, é um sentimento associado à perda, ou seja, um processo normal pelo qual os indivíduos passam quando acontece um decesso, quando se conclui uma determinada fase ou ciclo. Já a melancolia é a disposição patológica, produzida de modo inconsciente pelos sujeitos “[...] do qual não conseguem se desvencilhar, porque houve uma identificação diferenciada entre sujeito e objeto amado, o que provocou uma perda não só do objeto, mas também de parte do sujeito” (FREUD, 2010, p. 173). Em ambos os sentimentos afloram semelhanças e divergências, conforme podemos interpretar a partir da afirmação de Freud.

[...] a melancolia toma uma parte de suas características do luto, e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo. Ela é, por um lado, como o luto, reação à perda real do objeto amoroso, mas além disso é marcada por uma condição que se acha ausente no luto normal, ou que, quando aparece, transforma-o em patológico. A perda do objeto amoroso é uma excelente ocasião para que a ambivalência das relações amorosas sobressaia e venha à luz (FREUD, 2010, p. 183).

As duas primeiras obras de Lino Villachá, quais sejam, *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá* (s/d) e *Uma janela para os pássaros* (1986), são marcadas pelos sentimentos do luto e da melancolia. O próprio autor se considerava nesse período “uma concha deformada” (VILLACHÁ, 1986, p. 118), tanto em função e verificação dos sintomas da lepra quanto aqueles observados por Freud. Na leitura de ambas as obras de Lino, fica explícita a enunciação do eu-lírico numa hibridização das descrições do cotidiano no São Julião com as passagens de seu

relacionamento amoroso com Maria. Inclusive, a apreciação dos pássaros, que o poeta afirma ser algo característico de sua relação com Maria, como filhos adotados (VILLACHÁ, 1986, p. 118), torna-se o título do seu segundo trabalho. O fim da relação – previsível pela condição de definhamento causada pela doença, mas nunca esperada ou sempre postergada – provocou grande tristeza e um desconforto profundo, não apenas pela despedida de um ente querido, mas também por refletir em Lino a sua própria condição fatal, destino de quase todos as/os internas/os. Esses sentimentos genuínos são evocados pelo eu-lírico em seus poemas. É visível, quase palpável, a angústia de Lino Villachá: solitário, deformado, apodrecendo, a consciência do preconceito e do estigma, ocupavam sua existência com a morte da companheira.

Lenilde Ramos relata um pouco sobre o poeta.

O amigo da cadeira de rodas estava mais velho e, apesar de ter vivido para ver a redenção da colônia, não escapara das sequelas da doença. A vista estava ficando curta e tinha que apelar para a lupa que o velho polonês havia deixado de herança. Estava sempre escrevendo e tinha tantos escritos guardados, que a freira mãe começou a publicá-los. Tornou-se escritor e começou a ganhar novos amigos, até onde sua fama pudesse chegar. Recebia e escrevia muitas cartas (RAMOS, 2011, p. 220).

É precisamente nesse encaixe que montamos o quebra-cabeça da história do casal Lino e Zena, que viria a tornar-se a viúva do poeta. Em entrevista – em dezembro de 2020 –, Zena Maria Villachá conta-nos que conheceu a obra de Lino quando era estudante secundarista na Escola Salesiana Maria Auxiliadora, em Cuiabá, entre os anos de 1980 e 1982. A ordem religiosa responsável pela escola na qual Zena estava matriculada era a mesma à que pertencia a Irmã Sílvia – ou seja, a mesma ordem tomava conta de ambas as instituições, a de ensino e o São Julião – e, por isso, mantinha em sua biblioteca exemplares dos livros de Lino. Foi nesse período, e em função da obra literária de Lino, que a então estudante começou a se corresponder com o poeta. As cartas tornaram-se frequentes¹³ e movida pela curiosidade, Zena começou a pesquisar a história da doença, seus possíveis tratamentos, bem como a constituição do hospital asilar sul-mato-grossense.

Em seus estudos, conheceu também a história do Leprosário São João dos Lázarus, inaugurado em Cuiabá em 1816, que esteve em funcionamento e abrigou pacientes da lepra/hanseníase até o ano de 1940¹⁴. Entre as pesquisas autodidatas e as cartas trocadas com Lino, decidiu-se pela profissão de enfermeira. Em 1983, passou no vestibular da Universidade Federal de

¹³ Por ora, ainda não nos foi possível o acesso à correspondência de Lino Villachá.

¹⁴ Quando, à época (década de 1940), começaram a circular rumores que um “asilo colônia” estava sendo construído na cidade de Campo Grande, à ordem de Gustavo Capanema, então ministro da Saúde no governo de Getúlio Vargas, ocorreu um êxodo: uma grande quantidade de doentes seguiu para o novo espaço de tratamento, à 900 quilômetros de distância de Cuiabá, em uma caminhada de aproximadamente três meses a pé. Sem dúvida, muitas vidas ficaram pelo caminho.

Mato Grosso (UFMT) para o curso de Enfermagem. Durante a faculdade, a correspondência e a amizade com o poeta não diminuíram. Já quase ao final do curso, no ano de 1986, recomendada por Lino Villachá, Zena escreve à Irmã Silvia, administradora responsável pelo hospital, requerendo permissão para passar alguns dias, no período das férias, no São Julião, na condição de estagiária. Assim, finalmente, Zena Maria Corrêa da Costa, com 22 anos de idade, poderia conhecer seu escritor dileto e amigo querido. Enquanto estagiária, deparou-se com uma realidade cruel, que exigia cuidados e dedicação constantes. Sobretudo em relação ao corpo debilitado de Lino, que apresentava severos desgastes e muita franqueza. O poeta estava com os rins bastante debilitados, quase cego e apresentava surdez, como decorrência dos remédios à base de óleo *chaumoogra*, ozônio e sulfona em excesso, que comprometia os sentidos e alguns órgãos vitais. Em julho de 1988, Zena Maria Corrêa da Costa forma-se em enfermagem e decide retornar ao São Julião; logo, passa a morar na cidade de Campo Grande. De acordo com Lenilde Ramos

A moça e o poeta continuaram a corresponder-se e ela voltou nas férias seguintes. Depois da formatura, o hospital foi seu primeiro emprego e ela foi de mala e cuia para a cidade de terra vermelha. As horas vagas eram dedicadas ao moço da cadeira de rodas e, aos poucos, os doentes começaram a comentar que estavam namorando. Não era possível. A freira mãe não quis acreditar e foi falar com o moço. Quando entrou, viu a aliança de ouro na mão esquerda dele. ‘O que essa aliança está fazendo aí?’, perguntou. O moço respondeu: ‘Ela está aqui, porque não conseguimos colocá-la na mão direita. Os dedos estão muito retorcidos’. Então, a enfermeira do Norte mostrou sua aliança na mão certa. Que estavam apaixonados há muitos anos, podia-se ler nos olhos deles. Agora, pensavam em casamento (RAMOS, 2011, p. 200).

A notícia do casamento repercutiu dentro e fora do hospital e nenhum dos lados obteve aprovação. A irmã Silvia, em princípio, foi contrária a união, devido à diferença de idade. Mas não se envolveu e/ou gerou qualquer impedimento para o casal. Mas a família Corrêa da Costa – de Zena – manifestou-se contra a união, responsabilizando a irmã Silvia por negligência e por “empurrar” a filha para os braços de um “leproso”. Uma jovem casando-se com um ex-morfético, idoso e com o corpo arruinado, deformado, era inaceitável para os padrões da época. Os médicos tinham adaptado uma sonda no abdômen de Lino, com uma bolsa que recolhia a urina e precisava ser substituída de quatro em quatro horas. Mesmo com a desaprovação inicial da Irmã Silvia e da família da noiva, o casamento aconteceu (RAMOS, 2011, p. 201).

De acordo com o depoimento de Zena Maria Villachá, a união nupcial ocorreu em novembro de 1988. Somente a irmã mais nova e algumas/alguns moradas/es do hospital compareceram ao casamento, em uma cerimônia singela. Lino e Zena moraram no interior do São Julião em uma casa que outrora havia sido a cadeia, e após a reforma de finais da década de 1970, foi transformada em creche e escola e nomeada de “o pavilhão das crianças” (RAMOS, 2011, p. 200). Lino e Zena

permaneceram casados durante os seis últimos anos de vida do poeta, entre 1988 e 1994.

Em 8 de abril de 1994, aniversário do município de Cuiabá (capital de Mato Grosso) e de Zena, Lino presenteia a esposa com um poema, já pressentindo a própria partida.

Ai, querida, tudo que passamos juntos,
As tempestades do caminho
Já vão longe no horizonte,
Só restou este céu azul de abril,
Envolvendo a paisagem deste amor como um
presente.
Silenciosamente, as águas passam
e não voltarão nunca mais...
Os nossos momentos felizes
foram tão poucos,
mas nós os guardamos na alma
como estrelas raras que brilharam
por instantes e caíram
no mar profundo de nossa memória.
Mas a vida é assim mesmo:
O que é valioso é tão difícil,
e o que não presta se amontoa
no meio do nosso caminho...
Hoje como gostaria de estar ao teu lado,
à beira de um rio
de água cristalinas...
Bem longe de tudo
e de todas as dores...
Tu me mostraria ao longe
a paz do voo sereno das aves
e o seu pouso suave na praia
(VILLACHÁ, 2009, p. 275).

É um poema que suscita dúvidas. Sugere tristezas, decepções, distanciamentos. Sem dúvida, experiências comuns na situação em que se encontravam. Em 4 de julho de 1994, Lino não tinha mais resistências. Estava com o corpo derruído. Zena e Lino lutaram com todo o alento, no entanto, a situação era irreversível. Após muitas intervenções médicas, foi transferido para o Hospital da Santa Casa, em Campo Grande. Em outros tempos, leprosa/o algum ou mesma/o ex-morfética/o (hanseniana/o) seria tratada/o em uma unidade de saúde fora da colônia. Não era possível sequer enterrar as/aos pacientes no cemitério municipal. Assim, as/os internas/os que faleceram no asilo colônia jazem lá mesmo, em seu amplo e bem cuidado espaço interno. Horas antes de perder a consciência e já com muita dor, Lino ainda juntou forças para escrever o que nomeou de um *último pedido*.

Se alguém quiser se lembrar de mim, que me sinta nos escritos que deixei e nos caminhos do São Julião, nas suas árvores e pássaros os quais tanto amei e nos amigos, que eu não vou esquecer jamais. Gostaria que repousassem o pouco que restou de meus andrajos humanos debaixo de uma das árvores do São Julião, talvez um coqueiro, bem perto de suas raízes, para que eu receba por elas o frêmito de felicidades das folhas ao vento e o cheiro do

amanhecer...Se não for possível, que então seja no campo dos indigentes, para onde vão todos os nossos companheiros. Aqui ou lá, que a lápide seja apenas uma laje de cimento, em pé, na cabeceira, onde apareçam meu nome e a data do nascimento com a estrela e a de partida, com uma cruzinha. Mais nada. A cruz a gente já a viveu em vida. Agora é hora de renascer. Que minha partida seja sem alarde, em silêncio, assim como uma folha que cai, depois que deu tudo de si para a vida... Não é preciso chamar parentes, somente os amigos mais íntimos, absolutamente ninguém de fora. Que eles guardem para si minha imagem de VIVO e LUTADOR. Esse momento é o de menor importância, o maior foi viver. Quero apenas uma oração, com os amigos ao redor, para sentir-lhes uma vez mais carinho e a amizade que sempre tiveram. Não quero diferença de tratamento: mais que tudo, sempre fui internado. E que o caixão seja o mesmo de todos. Tomara que haja sol e, no céu, nuvens branquinhas com revoadas de pássaros ...e que, à noite, as estrelas brilhem alegres ao luar, a fim de que todos sintam minha gratidão pelo que me deram em vida (VILLACHÁ, 1995, p. 2).

Na madrugada gelada do sábado, nas primeiras horas do dia 09 de julho de 1994, ao lado de Zena, Lino Villachá falece. O poeta que parte, “sem alarde, em silêncio, assim como uma folha que cai, depois que deu tudo de si para a vida [...]” (VILLACHÁ, 1995, p. 2). Segundo Ramos, Lino era consciente de que estava morrendo, portanto, planejou sua despedida. Para a escritora, “Nesses novos tempos, em que os hansenianos eram sepultados no cemitério da cidade, o poeta manifestou o desejo de ser enterrado à sombra das mangueiras do hospital São Julião” (RAMOS, 2011, p. 255). E, assim como deixou registrado, podemos afirmar que Lino Villachá vive nos seus escritos, como poeta e lutador.

Considerações finais

Durante muitos anos, a prática de segregação era vista como a única medida profilática para a doença, o que transformou a lepra em uma patologia social de caráter bastante estigmatizado, e que prejudicava as/os pacientes não apenas em termos médicos-fisiológicos, como igualmente nos aspectos sociais, psicológicos, afetivos, culturais, sociais, entre outros. A doença e o isolamento também produziram memórias e marcas indelévels, menciona-se, entre outros traumas, o medo, a insegurança, a frustração e a solidão. Neste artigo tentamos demonstrar que os escritos de Lino Villachá estão repletos de uma “literatura da memória” que se confunde e se funde com a história do asilo-colônia São Julião. Estão plenos de uma beleza triste, pois, sabe-se, carrega toda a dor – “a dor que deveras sente” – de uma poeta que experimentou por inteiro uma vida que então apresentava-se aos pedaços.

Referências

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**, 1996.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce

Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

CANIATO, Luca. **A história do São Julião de 1941 a 2013**. Edição do autor, s/d.

CHARTIER, Roger. História intelectual do autor e da autoria. *In*: FALHABER, Priscila e LOPES, José Sérgio Leite (orgs). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p. 37-64.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. *In*: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 [1969]. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **Las redes del poder**. Buenos Aires: Prometeo, 2014.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Trad. de M. Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2010 [1917].

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. **Assim foi Auschwitz: Testemunhos (1945-1986)**. Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Revista: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2018.

MACEDO, Nelly Barbosa. **Lino – Trilhando caminho de fé e esperança**. Campo Grande, MS: Editora: Ruy Barbosa, 1997.

MARINHO, Ariadne. **Lepra\Hanseníase: mancha anestésica e segregação social no Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em História), Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª Ed. - Campinas: Pontes Editores, 2007.

RAMOS, Lenilde. **História sem nome: lembrança de uma menina quase gêmea**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento. 2017.

ROCHA, Diego e ALFEU, Carlos. **Confissões para o Esquecimentos**. Edição do autor: sem data.

VECELLIO, Irmã Silvia; DOBASHI, Beatriz Figueiredo. **História do São Julião**. Campo Grande: Edição do autor, 2016.

VILLACHÁ, Lino. **A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá**. Edição do autor, sem data.

VILLACHÁ, Lino. **Uma janela para os pássaros**. Edição do autor, 1986.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 18 de abril de 2023.